



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

LUANA RAQUEL FERNANDES NICOLAU

**O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO LIVRO DIDÁTICO DE
PORTUGUÊS**

**GUARABIRA
2018**

LUANA RAQUEL FERNANDES NICOLAU

**O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO LIVRO DIDÁTICO DE
PORTUGUÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduada em
Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Esp. Karla Valéria
Araújo Silva

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N639e Nicolau, Luana Raquel Fernandes.
O ensino das variações linguísticas no livro didático de português [manuscrito] : / Luana Raquel Fernandes Nicolau. - 2018.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portuguesas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Livro didático. 4. Ensino.

21. ed. CDD 410

LUANA RAQUEL FERNANDES NICOLAU

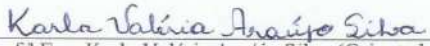
O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NO LIVRO DIDÁTICO DE
PORTUGUÊS

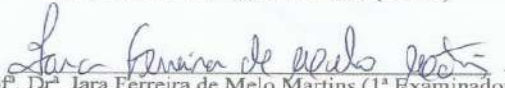
Artigo apresentado ao Curso de
Graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduada
em Letras.

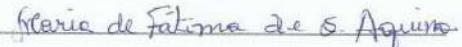
Área de concentração: Linguística.

Aprovado em: 07/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Esp. Karla Valéria Araújo Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Iara Ferreira de Melo Martins (1.^a Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Aquino (2.^a Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Aos meus pais, pelo exemplo de força e
superação diante das dificuldades e por
todo ensinamento, DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

De forma principal, agradeço a Deus por permitir, mais uma vez, a conquista de outro diploma. Que Ele possa me dá discernimento para continuar seguindo, com competência, minha profissão.

Gratidão aos meus pais, Luciene e Severino, por sempre acreditarem no meu potencial e diariamente me colocarem de pé para continuar o caminho, mesmo com obstáculos. A minha conquista também pertence a vocês por toda confiança que depositam em mim. A vocês meu muito obrigada! Expresso gratidão também, e de forma aplausível, aos meus irmãos Romário e Romualdo, e ao meu marido Diêgo, bem como às minhas cunhadas por toda reciprocidade para comigo. À minha pequena Eva, meus agradecimentos: "sou a tua, tu és a minha, fonte de inspiração".

Carinhosamente, agradeço a professora Karla Valéria por toda dedicação e paciência, bem como as orientações que nortearam minhas ideias para desenvolver da melhor forma meu artigo.

Às professoras Iara Martins e Fátima Aquino, por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Aos meus queridos: Juliane, Andressa, Leydson, Masenildo, Amanda, que estiverem sempre ao meu lado na vivência acadêmica. Posso afirmar que ganhei irmãos fora do contexto familiar; foi na universidade onde formamos uma família de laços afetivos cheios de trabalhos e seminários.

Por fim, a todos que me lançaram flores ou pedras, minha gratidão! Cheguei até aqui ultrapassando as rochas para seguir o caminho das rosas.

“Num país gigantesco como o nosso, com situações sociais tão diversificadas, climas, etnias economias diferentes etc., a língua também é diversificada, heterogênea, variável e mutante.”

Marcos Bagno (2012)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- <i>Boxe Na bagagem</i>	20
Figura 2- Origem da língua portuguesa.....	23
Figura 3- Panorama sobre a origem, domínio e expansão da língua portuguesa....	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O PERCURSO HISTÓRICO DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS DA LÍNGUA: DOS NEOGRAMÁTICOS A LABOV	9
3. MAS, O QUE SÃO VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS?	12
3.1 Fatores que interferem na variação da língua	12
4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO COMO CONSEQUÊNCIA DAS CONCEPÇÕES DE “CERTO” OU “ERRADO”	14
4.1 O equívoco da norma-padrão como a língua “certa”	17
5. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO	19
5.1 Caracterização da pesquisa e do corpus de análise	19
5.2 Análise e discussões dos dados	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28

O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

LUANA RAQUEL FERNANDES NICOLAU¹

RESUMO

Considerando a importância de se levar para a sala de aula discussões que visem tratar a variação como algo natural e dinâmico da língua e não como erro ou desvio, o presente artigo tem como principal objetivo investigar como os livros didáticos de português (LDP) tem proposto o ensino das variações linguísticas na sala de aula. Para tanto, iremos, ao longo deste artigo, pontuar o quanto se faz necessário instigar o aluno a conhecer as transformações e origem da língua nativa, de forma que ele passe a compreender de forma consciente que as variantes diversas que fazem parte da linguagem humana, são consequência do caráter heterogêneo que a língua apresenta. Outro ponto que será aqui destacado, é o fato de existir entre os alunos uma visão preconceituosa a respeito das variações, decorrente da concepção equivocada do certo e do errado pregado tanto na sociedade quanto na escola. Tal preconceito tem sido considerado reflexo de uma visão normativa da gramática tradicional. E, para embasamento de tais discussões, recorreremos aos seguintes autores: Bagno (1999; 2007; 2013), Cunha & Tavares (2016), Faraco (2008), PCN (1998); Bortoni- Ricardo (2004); entre outros. A fim de cumprimos o objetivo geral do nosso trabalho, e por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativista, iremos trazer ao final, uma análise de um “boxe” inserido na parte inicial de capítulo de um LDP organizado para o triênio 2018-2019-2010. Tal análise teve como intuito investigar e discutir a perspectiva adotada pelo livro no que diz respeito ao estudo da variação linguística no contexto do ensino médio.

Palavras-chave: Variação linguística. Preconceito linguístico. Livro didático.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em língua, devemos considerar todos os fenômenos que a compõe e levar em conta todos os processos de mudança e variação como algo peculiar por ela apresentado. As diversas maneiras pelas quais a língua se manifesta, revela que ela não é estática, mas, dinâmica e suscetível a muitas

¹ Aluna de Graduação em Letras- Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: luanaraquel94@hotmail.com

adaptações. Nesse sentido, faz-se necessário compreender os fatores que contribuem para tal dinamicidade e mais importante ainda é perceber todas as mudanças como algo natural e não como erro. Muito se prega (equivocadamente) tanto na sociedade quanto nas escolas que existe uma língua certa, que é aquela moldada pelas normas da gramática tradicional, e outra errada, que é aquela considerada marginalizada e não merece atenção por não estar nos padrões normativos do sistema gramatical. Tudo isso gera o que conhecemos como “preconceito linguístico”, por meio do qual muitos falantes passam a ser constrangidos ao ter suas variantes desmerecidas (e porque não dizer ridicularizadas?).

O presente trabalho, motivado por tais reflexões, pretende discorrer acerca de todo esse processo de variação e mudança da língua e mostrar como e porque esse preconceito se torna tão presente no contexto social e também escolar. Nosso objetivo principal é, pois, investigar como o livro didático de português (LDP) tem proposto o ensino das variações linguísticas na sala de aula. Como objetivos específicos, iremos discutir sobre o fenômeno da variação de forma consciente e não preconceituosa, extinguindo, assim, as noções de “certo” e “errado” na língua, bem como pontuar o quanto se faz necessário instigar o aluno a conhecer as transformações e origem da língua nativa, de forma que ele passe a compreender de forma consciente que as variantes diversas são consequência do caráter heterogêneo que a língua apresenta.

Consideramos ser de extrema necessidade que os professores de língua portuguesa discutam com os seus alunos sobre o fenômeno da variação de forma consciente e não preconceituosa, extinguindo, assim, as noções de certo e errado na língua. Dessa forma, eles poderão reconhecer a rica flexibilidade na forma como os falantes adaptam a língua, bem como os elementos que colaboram para termos uma língua tão heterogênea.

Para tanto, nossa pesquisa irá pontuar inicialmente sobre o contexto histórico do estudo da língua, objetivando mostrar que apesar de algumas correntes investigarem sobre o seu funcionamento, porém a área da sociolinguística se preocupou em destacar que toda essa dinamicidade de variação que a língua apresenta parte das relações do falante em sociedade. No segundo momento, falaremos sobre os conceitos e tipos de variações linguísticas, bem como o que venha a ser o preconceito linguístico. Por se tratar de uma pesquisa de natureza

qualitativa-interpretativa, iremos apresentar uma análise feita a partir de um boxe inserido em um dos capítulos do LD *“Trilhas e Tramas”*, o qual sugere a abordagem das variações linguísticas na sala de aula. O referido livro é destinado aos alunos do ensino médio e foi organizado para o triênio: 2018 – 2019 – 2020.

Para embasamento das nossas discussões, utilizamos os seguintes autores: Bagno (1999; 2007; 2013), Cunha & Tavares (2016), Faraco (2002; 2008), Martellotta (2011), PCN (1998); Bortoni- Ricardo (2004) entre outros.

2 O PERCURSO HISTÓRICO DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS DA LÍNGUA: DOS NEOGRAMÁTICOS A LABOV

Após o período em que a língua era vista apenas sob a perspectiva filosófica (século XVIII), surge, na primeira metade do século XIX, os estudos comparativos que se preocupavam em fazer uma abordagem história da evolução das línguas, bem como fazer comparações entre as mudanças ocorridas entre elas, ao longo do tempo, para, assim, reconstruir suas famílias a partir das semelhanças encontradas. Já na segunda metade do mesmo século, ganha destaque a escola dos neogramáticos, um grupo que desenvolveu seus estudos com uma perspectiva distinta dos comparatistas em relação aos processos que interferem na mudança da língua. Para os neogramáticos, as modificações na língua partiam do indivíduo através do processo de analogia². Ou seja, “[...] para esses linguistas, as mudanças são decorrentes de hábitos linguísticos individuais.” (MARTELOTTA, 2011, p.52)

Tais estudiosos foram os primeiros a identificarem a interferência do homem na alteração da língua. Entretanto, não se dedicaram a expandir essas discussões; eles apenas sinalizaram “[...] a mudança linguística no âmbito do indivíduo, mas não explicitou, de modo mais sistemático, como os contextos de comunicação poderiam interferir no uso individual, [...]”. (ibid., p. 53)

Após esse período de estudo do século XIX, novas teorias linguísticas surgem e se dividem assumindo diferentes reflexões acerca da língua. Dessa forma, emergem a partir do século XX novas tendências, as que são denominadas de correntes linguísticas, as que procuram estudar e analisar a língua sobre outros e diferentes aspectos, como bem sintetiza Borges Neto (2004, p. 60-61):

² “Como analogia, os neogramáticos entendiam o processo segundo o qual a mente humana, estabelecendo semelhanças entre formas originalmente distintas, interfere nos movimentos naturais dos sons, atrapalhando a atuação das leis fonéticas.” (MARTELOTTA, 2011, p. 51)

[...] uma tendência "sistêmica", que busca ver na linguagem um "sistema" autônomo, sem relações com os falantes ou com o meio social; b) uma tendência "psicologizante", que destaca as relações da linguagem com os falantes; e c) uma tendência "sociologizante", que privilegia as relações entre a linguagem e o seu nicho social.

Diante do exposto, compreendemos a primeira tendência como o Estruturalismo. Essa corrente teve início na primeira metade do século XX, e tem como principal estudioso, o linguista Ferdinand de Saussure. Este, por sua vez, classifica a língua como um sistema homogêneo de regras, como um conjunto de signos, sanciona a língua como um regido de regras internas pré-estabelecidas pela mente, no qual a estrutura é determinada por princípios da consciência. Segundo Martelotta (ibid., p.115, acréscimo nosso) a corrente teórica do estruturalismo "[...] entende a que a língua é forma (estrutura), e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta [a fala])"; logo, essa corrente não vai se preocupar em investigar o uso individual da língua.

A partir da década de 1960, vem à tona a segunda corrente denominada de Gerativismo. O nome de destaque dessa nova tendência de estudos da língua foi Noam Chomsky, o qual traz nova influência para a busca de explicações acerca da língua e também para o processo de aquisição da linguagem. Chomsky compreendia a língua como um aspecto cognitivo através do processo formalista. Entendia a capacidade da linguagem como um sistema inato, isto é, não adquirido socialmente. De forma a compreender o funcionamento por intermédio do aspecto biológico da mente/cérebro humano, que por sua vez, acreditava ser modulado de acordo com o estímulo de necessidade para uso.

Para Chomsky (1972, apud GONÇALVES, 2007) o ser humano já nasce com um mecanismo que o torna capaz de desenvolver a aprendizagem das línguas. A faculdade mental através do órgão cérebro é própria do sistema cognitivo do homem, no qual classifica a capacidade de aquisição por competência linguística. Para Chomsky,

o homem tem uma faculdade, peculiar à espécie, um tipo único de organização intelectual, que não pode ser atribuído a órgãos periféricos ou relacionados à inteligência geral e se manifesta naquilo que podemos designar como "aspecto criador" do uso ordinário da língua, tendo a propriedade de ser ao mesmo tempo ilimitada em extensão e livre de estímulos. (CHOMSKY, 1972, apud GONÇALVES, 2007, p.06)

Em oposição às duas concepções já citadas, emerge mais uma corrente nomeada de Funcionalismo, a qual busca compreender o código linguístico utilizando pelos falantes, de maneira a se adequar ao meio social e cultural. Dessa forma, o Funcionalismo é idealizado como “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social” (NEVES, 2004, p.15), preocupando-se com o estudo da gramática, em sua estrutura e, no contexto comunicativo, pela força externa determinada pela comunidade.

As concepções de análises do Funcionalismo percebem a língua como um instrumento de comunicação e já começa a perceber o social, que através da sua singularidade, de diferentes perspectivas, transmitem informações por intermédio do pensamento, para que assim possa haver uma interação social. A competência comunicativa, nas áreas mais sociais, direciona os estudos da língua em situações reais. O Funcionalismo procura, portanto, explicar a estrutura em função do discurso.

A língua é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação. (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 14)

Nesta perspectiva, era, pois, necessário um estudo mais profundo, com minuciosas análises, para entender as muitas alterações que a língua sofria, já que, até então, as tendências anteriores não se ocupavam em considerar esse processo.

Logo, surge uma área que objetivava estudar a mutação da língua como fenômeno ocasionado pelo indivíduo em seu cotidiano: a Sociolinguística e teve William Labov como o principal linguista da teoria da variação e mudança. Os teóricos dessa corrente, assim também como o Funcionalismo, investigavam a maneira como usuários da língua se comunicavam e afirmavam que a língua é moldada pelos falantes. Com isso, a linguagem está direcionada ao social, pois ela vai além de um conjunto de regras estabelecidas pela gramática.

Portanto, o processo maleável da utilização da língua acontece por intermédio de adaptação dos usuários no meio social, sendo eles os responsáveis pela transformação da estrutura e funcionamento dos signos. Logo, é a Sociolinguística que visa explicar esse impacto da sociedade nas várias formas de linguagem

usadas na comunidade pelos falantes, classificando-as, portanto, como variações linguísticas.

3 MAS, O QUE SÃO VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS?

Adquirimos a língua portuguesa dos nossos colonizadores e junto com ela surgiram as mais diversas variações linguísticas, o que enriquece nosso idioma. As variações linguísticas são as várias formas de a língua se manifestar e nasce da necessidade de as pessoas a empregarem em diversas situações que surgem no cotidiano para interagir uns com os outros. Comunicar é uma das principais funções da língua, e, toda língua evolui com o tempo. Com isso, obtemos novos valores que introduzem vários modos de falar, correspondendo assim às circunstâncias da população. Dessa forma, possuímos uma característica própria, capaz de apresentar a identidade e cultura de uma determinada sociedade.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2015), as variações linguísticas constituem a língua portuguesa do Brasil, falada por mais de 200 milhões de brasileiros. Possuímos uma língua heterogênea, ou seja, adaptável às situações de maneira a permitir a flexibilidade na forma como os falantes utilizam a linguagem. Por isso, não podemos esquecer as influências, dos empréstimos linguísticos de outras culturas, pois elas ainda continuam a contribuir para as muitas variedades dialetais.

É preciso entendermos que a língua varia de acordo com a sociedade e com as necessidades que ela apresenta; dessa forma, há várias maneiras de dizer a mesma coisa. Por isso, é fundamental identificamos os modos de linguagens para podermos compreender as distintas maneiras de expressões não só orais como também escritas.

3.1 Fatores que interferem na variação da língua

Conforme a necessidade de comunicação dos grupos e relações pessoais, foram surgindo as variedades, assim como mostra a Sociolinguística. Esta área de estudo, busca explicar de forma geral por meio dos elementos de transformações da língua, as interferências ocasionadas: pelo meio social, evolução histórica, espaço

geográfico etc. Este fenômeno começou a ter mais atenção quando os estudiosos perceberam que a sociedade influenciava na linguagem, bem como as questões dialetais, registro, grau de escolaridade, sexo, idade, entre tantos outros fatores que contribuem para essa diversidade da língua, vejamos:

A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem. Por isso, muitas vezes percebem-se diferenças na fala de pessoas de classe diferente, de idade diferente, de sexo diferente, de etnia diferente, etc. (POSSENTI, 2002, p.35, grifo nosso grifo do autor, respectivamente.)

Os mais distintos fatores que contribuem para uma miscigenação da língua estão presentes na sociedade. Entre as variantes mais conhecidas estão: a *diatópica*, *diastrática*, *diafásica*, *registro* e a *diacrônica*. Estas classificações se divergem no modo da fala oral. Cada uma tem sua própria característica e busca explicar, da melhor forma, as transformações que a mesma língua pode sofrer num mesmo país, como é o caso do português brasileiro.

O nosso país é formado por regiões. Entre elas, cada falante determina sua linguagem, moldando a fala por caminhos mais específicos da realidade local. Neste contexto, podemos detectar os dialetos e sotaques que encontramos nas regiões do Brasil. É por meio dessa mistura de cultura de território que surgem as *variações diatópicas*, que são as variantes típicas estabelecidas pelos indivíduos de uma determinada localidade geográfica. Como exemplos dessa variante temos: mandioca/ aipim/ macaxeira; jerimun/abóbora etc.

Para Geraldí (1997, p. 50), "língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterogêneas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua"; com isso, compreendemos as várias expressões linguísticas regionais como uma adequação popular territorial.

Como já vimos, o outro elemento que tem bastante relevância no processo de alteração da linguagem é o fator social, que caracteriza a *variação diastrática*. Nesse tipo, encontramos aspectos próprios que caracterizam faixa etária, sexo e profissão. As gírias e jargões se incluem nessa classificação. O meio em que podemos constatar uma maior ocorrência dessas variações linguísticas (as gírias) é entre os jovens, uma vez que estes estão sempre fazendo uso de um repertório linguístico bem variado.

Nesta modalidade, notamos a presença marcante dos falantes, que coadjuvam com o meio social para formular novas maneiras de comunicação verbal, considerando os fundamentos propostos pela real situação social de cada pessoa. Segundo Bagno (2007, p. 38):

Língua e sociedade estão indissolvelmente entrelaçadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguísta (sic) é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade em levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem.

A variedade denominada *diafásica* é aquela que marca o uso da língua entre as distintas gerações. Já a variação que traz em seus princípios a apropriação do uso conveniente da língua, é classificada como *registro*, o qual pode se apresentar de maneira formal, informal e coloquial. Tudo vai depender do contexto comunicativo. A ocasião determina o tipo de linguajar a ser empregado naquela situação. Temos como exemplo dessa alteração de expressão comunicativa, um palestrante, o qual ao discursar para jovens acadêmicos em sala de aula, usa a formalidade em seus pronunciamentos; em contrapartida, ao comunicar-se com idosos em uma casa de apoio, faz uso da informalidade, trazendo uma conversação mais simples e de fácil entendimento.

A variação linguística que resulta da evolução ao longo do tempo é conhecida como *diacrônica*. Ela pode ser percebida através da análise cronológica das transições que a escrita, como também a fala, experimenta no decorrer do tempo.

4 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO COMO CONSEQUÊNCIA DAS CONCEPÇÕES DO “CERTO” E DO “ERRADO”

Quando falamos sobre preconceito linguístico, estamos nos referindo à atitude ou crença de pessoas que acham que existe uma forma de falar melhor ou superior a outra. Não se deve achar que uma maneira de falar é melhor ou pior que outra, pois, como já discutimos anteriormente, a língua é dinâmica e de caráter heterogêneo, e é por isso que temos variadas formas de falar e por diversos motivos

também já apresentados. Podemos citar o tempo, o local onde se nasce e a escolaridade como alguns desses fatores. Somos, portanto, fruto do meio linguístico em que vivemos.

As características de um povo, de uma região, de uma cidade são feitas através da história e da cultura de um determinado local. O Brasil é um país repleto de dialetos peculiares e todos os falantes possuem capacidade de se comunicar, o que não significa dizer que algum desses dialetos está errado. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam que o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia (BRASIL, 1998).

Bagno (1999) diz que não existe uma forma “certa” ou “errada” dos usos da língua e que o preconceito linguístico, gerado pela ideia de que existe uma única língua correta (baseada na gramática normativa), colabora com a prática da exclusão social. Para este autor,

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...] (id, 2007, p. 38)

O preconceito linguístico atinge, principalmente, grupos de menor prestígio social e esse preconceito é encarado, geralmente, com naturalidade na maioria das vezes. Segundo Bagno (1999) conhecimento da gramática normativa está sendo usado como instrumento de discriminação e opressão como se o fato de saber a regência ‘correta’ do verbo implicar gerasse algum tipo de vantagem, de superioridade, de senha secreta para o ingresso num círculo de privilegiados.

Em nosso idioma não existe uma forma superior a outra no ato da comunicação, todas as adequações são válidas quando utilizadas de forma coerentes a situação.

A língua portuguesa diferencia, como as demais línguas, a fala da escrita. Assim, como diz Faraco (2008, p. 31), “uma língua é constituída por um conjunto de variedades”. A gramática normativa é consequência da língua, depende dela. Temos que levar em consideração “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos

linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 35).

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. [...]É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 1999, p.52)

A relação entre língua escrita e língua falada deve ser profundamente examinada pelo ensino, o ideal não é substituir um uso por outro, mas demonstrar aos educandos, a diversidade linguística que há no ambiente escolar. Neste contexto, Antunes (2003) diz que não existe falante sem conhecimento de gramática, ou seja, mesmo que inconscientemente o diálogo é formado e concretizado, desde que o interlocutor entenda e compreenda o que foi falado.

Os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. Para Bagno (1999), é necessário um trabalho profundo para desmascarar o que chamamos de “normal”, pois sabemos que o preconceito linguístico existe de fato.

Sobre a concepção equivocada de que as variações linguísticas são erros, Geraldi (1997, p.52) argumenta que:

As variedades não são erros, mas diferenças. Não existe erro linguístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade em vez de outra, mas no uso de uma variedade em vez de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala.

Dessa forma, não existe língua errada, sendo cada variante essencial para cada situação, de acordo com a necessidade do falante. Portanto, o uso da língua deve ser feito com liberdade e consciência, levando em conta a situação do contexto bem como os falantes em seu meio social.

4. 1 O equívoco da norma- padrão como a língua “certa”

Ao estabelecer uma língua uniforme, capaz de atingir a maioria da população, encontramos a norma padrão, confundida de forma equivocada com a norma culta. Bagno (2013, p. 65) aponta que a norma-padrão é o “modelo de língua ‘correta’, inspirado na tradição literária e no falar da aristocracia e assumido [...] como objeto de trabalho pelos autores das gramáticas normativas [...]”.

Atualmente, nós temos acessos às diversas gramáticas normativas e a partir delas podemos entender o conceito de norma padrão, que reúne as formas contidas e prescritas para a escrita, principalmente de domínio científico. Já a norma culta é a variedade de maior prestígio da língua, falada pelas classes dominantes, pelas pessoas escolarizadas. É, portanto, a norma que mais se aproxima da norma padrão, mas não pode ser confundida com esta.

É interessante trazer para essa discussão o que apresentam Garvin & Mathiot sobre uma das propriedades da língua padrão, a intelectualização. Ela consiste na propriedade de responder à necessidade de se construir proposições de alto nível de rigor e precisão, resultando numa expressão mais definida e acurada, até mesmo mais abstrata. Os autores já citados acima afirmam:

Isto é resumido por Havránek numa escala de intelectualização em três etapas, levando desde a simples inteligibilidade via explicitação até a precisão, às quais correspondem, respectivamente, um dialeto de conversação, um técnico rotineiro, e um científico funcional. Enquanto a fala folk se limita aos dialetos de conversação e a algumas fases do técnico rotineiro, todos os três dialetos funcionais são representados, pelo menos em termos ideais, na língua padrão. (GARVIN & MATHIOT, 1974, p. 123)

A escola é considerada uma das entidades mais influentes na formação sistemática de uma pessoa, nela e por meio dos livros que ela utiliza, podem ser criadas condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem, que satisfaça a necessidade de relacionamento no ambiente social em que o aluno vive.

Um fato nós não podemos esquecer, todos falam, mas poucos escrevem. Faraco (2002) chama a atenção para o fato de que, embora a norma culta seja a que mais se aproxima da variedade padrão, pois é dos extratos sociais que a utilizam que saem os seus codificadores, as forças que naturalmente atuam na

variação e mudança linguística, acabam cavando entre ela e o padrão um enorme distanciamento.

[...] uma língua padrão, a fim de funcionar eficientemente, deve ser estabilizada por uma codificação apropriada; deve ser ao mesmo tempo bastante flexível na sua codificação para permitir modificação concomitante com a mudança cultural. (GARVIN & MATHIOT, 1974, p. 121-122)

Mesmo no interior do sistema escolar, nós avançamos pouco. Ainda predomina uma concepção mais tradicional das variações que envolvem a língua e ainda está muito apegada ao conceito de certo e errado; porém, sabemos bem essas concepções de certo e errado podem ser (e são) muito relativas, e é justamente essa concepção de relatividade que devemos ampliar no nosso contexto escolar e social.

Para preparar os indivíduos para a vida em sociedade, elegeu-se a escola como instituição oficial. Cabe a ela, no que se refere ao trabalho com a língua materna, desenvolver no aluno habilidades e competências para utilizar adequadamente esse patrimônio comum de sua comunidade. Assim, a escola deve desenvolver em seus alunos a ampliação da leitura, da escrita como um todo, como também promover a consciência linguística no que diz respeito às variações, vejamos:

Se o professor tiver uma formação sociolinguística adequada, o que acontecerá com uma minoria, terá de trabalhar com a variação da sintaxe nas suas aulas e saber, na maioria das vezes de maneira intuitiva e tentativa, já que não há materiais prontos para isso, definir o que será o uso linguístico socialmente aceitável para que seus alunos não fracassem no curso de sua futura vida profissional em nossa sociedade. (SILVA, 2004, p. 114-115)

Se a comunidade linguística como um todo é capaz de ensinar, de forma consciente os padrões linguísticos, não há razão para que o mesmo não possa ser feito pela escola, pois ela estaria se preocupando em levar o aluno a conhecer exclusivamente não a norma padrão, a qual, segundo Bagno (2013, p.66), não corresponde a nenhum uso real da língua, mas as diversas variedades (dentre elas, a norma culta) que fazem parte dos falares concretos e reais da nossa língua.

5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático (LD) está presente no alicerce da educação e se constitui em um material organizado, ou seja, com um olhar voltado para as necessidades dos alunos e do professor na sala de aula. Sendo assim, ele atua como facilitador do trabalho do professor no processo de ensino-aprendizagem. A sociedade vive em constante mudança e os livros também mudam, fugindo das perspectivas unidirecionais, deixando o caráter meramente informativo e suporte de atividades de decoração.

As edições atuais dos LD devem atender às demandas pedagógicas das sociedades, que vêm de várias instâncias, fazendo com que os alunos sejam formados integralmente. Entre os conteúdos que compõem os LD de português, estão as discussões que envolvem aspectos sobre a língua, a quais precisam destacar o fato de que esta varia e pode ser alterada em meio a vários fatores sociais.

Nas seções seguintes, iremos analisar como isso tem sido proposto em um livro didático, especificamente, do ensino médio.

5.1 Caracterização da pesquisa e do corpus de análise

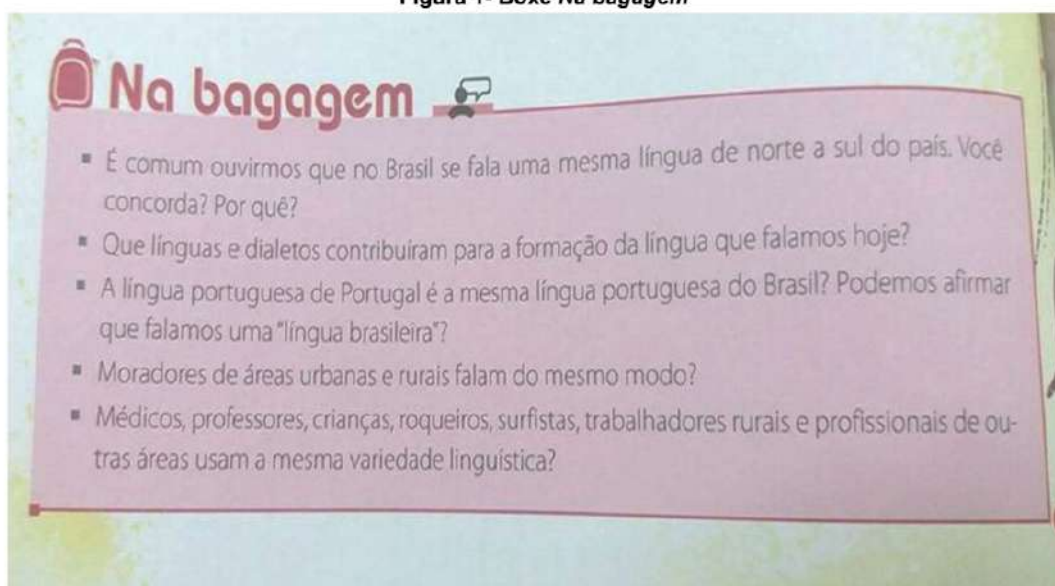
Sendo de natureza qualitativa- interpretativa, a presente pesquisa optou, para fins de análise, selecionar o livro didático intitulado: *“Trilhas e Tramas”*, que faz parte do triênio dos anos de 2018 – 2019 – 2020. O livro tem como autores: Ivone Ribeiro Silva; Maria das Graças Leão Sete; Márcia Antônia Travalha e Maria do Rozário Starling de Barros e foi organizado para ser utilizado no 1º ano do ensino médio. É, a partir desse manual, que iremos investigar como tem sido proposta para as aulas de língua portuguesa, a discussão sobre as variações linguísticas.

Esse material didático é dividido em 33 capítulos, que são compostos de seções que dialogam com a temática de cada capítulo, e boxes que buscam instigar o professor a refletir sobre o conhecimento prévio do aluno. Optamos por analisar apenas o box que se encontra no capítulo 17, pois o mesmo traz em seus questionamentos um estudo pertinente e bastante reflexivo sobre o processo de variação da língua.

5.2 Análise e discussão dos dados

Para que possamos identificar o tratamento com as diversas maneiras de falar, destacamos o questionamento trazido no box, que é bastante provocativo, de maneira a despertar nos discentes, inquietações em relação à heterogeneidade da língua. Vejamos:

Figura 1- Boxe Na bagagem



Fonte: Silva, et al.(2016, p.204)³

Acreditamos que essas indagações a cima podem instigar uma reflexão e até mesmo certa polêmica por parte dos indivíduos em sala, pois muitos ainda podem considerar a existência de uma língua "certa" e outra "errada". Tais discussões podem ajudar a promover a oportunidade para que o professor venha enfatizar o que Bagno (2005, p.124) aponta: "Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar" ou seja, a linguagem é uma aquisição que acontece naturalmente, antes mesmo do andar; por isso, é fundamental entender o seu caráter moldável para evitar rotulá-la com conceitos e abordagens equivocadas.

O capítulo no qual esse box está inserido, traz uma citação de Oswald de Andrade com relação ao tema, que nos diz: "[...] *Para telha dizem teia. Para telhado*

³ SILVA, Ivone Ribeiro; et. al. Português Trilhas e tramas. Livro didático, PNL- 2018. 2 ed. São Paulo. 2016.

dizem teiado e vão fazendo telhado.”. Com base nessa citação e no boxe, logo nas primeiras abordagens que os autores trazem neste capítulo, notamos a preocupação que eles tiveram em demonstrar ao aluno a diversidade da língua brasileira. Para esclarecer a alusão de Andrade, utilizada com epígrafe da página, propaga-se o questionário acerca da origem e elementos que compõem a língua materna. Entre as perguntas, encontram-se interrogações prévias com relação à unidade, contribuição, formação e variedades da língua. Dessa forma, os professores podem constatar o conhecimento que o discente possui diante do tema variação.

Denominado de “*bagagem*”, é assim que o boxe procura investigar esse saber prévio do alunado com as 5 (cinco) perguntas referentes à sua língua de origem. Tais indagações mostram determinados fatores que convergem novamente com o que Bagno (2007, p.95) cita, tais como:

Ter nascido e vivido na zona rural (ou numa cidade pequena) ou ter sido criada numa grande metrópole são fatores que influenciam muito a visão do mundo da pessoa, suas crenças e valores, sua relação com o meio ambiente e, é claro, seu modo de falar.

Diante do exposto, percebemos que a mudança na língua pode ter contribuições externas que fazem com aconteçam suas transformações. Assim, os autores buscam apresentar as modalidades, bem como alguns elementos que contribuem para as variedades linguísticas, distribuindo-os da seguinte forma:

Quadro 1- Classificação dos tipos de variação e os fatores correspondentes.

Questões do boxe	Tipos/Fatores
É comum ouvimos que no Brasil se fala uma mesma língua de norte a sul do país, você concorda? Por quê?	Regional
Que línguas e dialetos contribuíram para a formação da língua que falamos hoje?	Diacrônica (influência dos colonizadores)
A língua portuguesa de Portugal é a mesma língua portuguesa do Brasil? Podemos afirmar que falamos uma “língua brasileira”?	Espaço geográfico
Moradores de áreas urbanas e rurais falam do mesmo modo?	Social
Médicos, professores, crianças, roqueiros, surfistas, trabalhadores rurais de profissionais de outras áreas usam a mesma variedade linguística?	Social - Gírias e jargões (sexo, idade, grau de escolaridade)

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.⁴

⁴ Elaboramos esse quadro com a finalidade de classificar o tipo de variação contemplada por cada questão presente no boxe.

Como vimos no quadro acima, as discussões reflexivas do boxe “*bagagem*” nos permitem uma análise e classificação, bem como conhecimento das variantes dialetais existentes na língua. A partir das indagações iniciais da temática, observamos que está explícita a inquietação por um estudo das modalidades e elementos que constituem a variação linguística trazida pelo livro didático. Analisemos as questões: No primeiro quesito, constatamos a provocação dos autores em estimular o pensar dos leitores, de forma a colocarem em análise a diversidade regional da língua quando questionam se é a mesma maneira de comunicar-se de norte a sul. Tal questionamento poderá promover em sala um proveitoso debate entre os alunos, mediado pelo professor, e fazê-los reconhecer os diferentes dialetos e sotaques existentes nas regiões que formam o Brasil. Os próprios estudantes conhecem e podem dar exemplos de dialetos regionais presentes em seu cotidiano ao se comunicarem com amigos e/ou familiares que moram em outras localidades. Neste contexto abordado pelo livro, acreditamos que a compreensão pode vir a ser mais espontânea do que se, talvez, o professor apresentasse apenas de variação regional como uma classificação sem contextualizá-la.

Para continuar esclarecendo o ensino das formas de comunicação oral, o material busca refletir, a partir da segunda questão indagando como foi a origem da língua brasileira e quais fundamentos tiveram relevância nessa construção do português brasileiro. Acreditamos que para um melhor entendimento, é necessário que aconteça uma conexão com a disciplina de história, pois, podemos deduzir que os discentes dominem o conteúdo da formação brasileira, e assim, vão assimilar de maneira investigativa a importância que outros povos têm sobre a nossa identidade nacional.

Além disso, é importante registrar que a teria foi abordada em outros capítulos, de forma a preparar o aluno e torna-lo consciente sobre a língua portuguesa nativa. Nesse livro didático (como mostram as imagens abaixo) já inicia no capítulo 8: “*Origem da língua portuguesa*”, o qual apresenta um pequeno enredo da trajetória da língua portuguesa. Esse capítulo contempla as mudanças do latim vulgar para o português do Brasil (não padrão); as dominações da língua portuguesa no mundo e o caráter dinâmico das influências dos colonizadores. É a partir desse conhecimento, de relações estabelecidas, que conseguimos entender as

modalidades apresentadas pelos nativos da língua brasileira sem estranhamento às diversas maneiras de falar. Vejamos:

Figura 2- Origem da língua portuguesa

Origem da língua portuguesa 8

“O latim vulgar do Sul, o português e o espanhol”
 “O latim vulgar do Sul, o português e o espanhol”
 “O latim vulgar do Sul, o português e o espanhol”

Na bagagem

- O que é latim, clássico? E o que é latim vulgar?
- De qual língua se originou a língua portuguesa?
- O que são línguas românicas?
- Qual é a relação entre o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno?

Nos trilhas do texto

Leia este texto de uma das obras do linguista brasileiro Marcus Bagno.

Do latim vulgar ao português não padeco
 Marcus Bagno

... Depois que as línguas românicas europeias foram formadas, elas evoluíram no tempo de geração. Portanto, para se falar em línguas românicas modernas, precisamos fazer distinções geográficas, sociológicas, econômicas, culturais, etc. Assim, gerou-se o português que se desenvolveu no espaço lusitano e o espanhol no âmbito ibérico, o francês dos grandes reinos, o italiano e o romeno. Nada disso. Falava, sim, um latim vulgar. Mas, como língua materna flexível, muito próxima que ao do latim clássico. Esse latim do povo evoluiu no tempo de geração. Foi esse latim vulgar que os

... latim vulgar, originário das gerações europeias modernas, gerou-se em latim vulgar e evoluiu para o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno. Nada disso. Falava, sim, um latim vulgar. Mas, como língua materna flexível, muito próxima que ao do latim clássico. Esse latim do povo evoluiu no tempo de geração. Foi esse latim vulgar que os

L A T I N O

Fonte: Silva, et al. (2016, p.77)

Figura 3- Panorama sobre a origem, domínio e expansão da língua portuguesa

Panorama 9

Língua portuguesa: origem, domínio, expansão

A Península Ibérica é a região da Europa que atualmente compreende os territórios de Portugal e Espanha. Nessa região viveram diferentes povos. Assim, a formação do povo e da língua portuguesa é resultado de constantes processos de aculturação. Participaram desse processo os povos celtas, iberos, fenícios, gregos, romanos, bárbaros, germânicos e árabes, mas foram os romanos que exerceram papel decisivo no processo de formação e evolução do que é hoje a língua portuguesa. A língua falada por eles – o latim – dominou quase toda a península.

Península Ibérica

Mapa da Península Ibérica mostrando Portugal (verde) e Espanha (verde). O oceano Atlântico está à esquerda e o oceano Mediterrâneo à direita. A França está ao norte.

Fonte: B. A. Atlas geográfico da língua portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970, p. 84.

Fonte: Silva, et al. (2016, p. 78)

A partir dessa explanação, torna-se mais interessante explicar os inúmeros fatores que levam a variação diacrônica existir. Esta categoria descreve a transformação da língua com o passar do tempo e a interferências de outras culturas e idiomas.

Na terceira indagação, levanta-se a discussão sobre o português utilizado no Brasil e em Portugal. Logo, o professor pode partir da pergunta "*Será a mesma língua ou temos a nossa língua brasileira?*", para discutir em sala a variação que ocorre em diferentes espaços geográficos que utiliza uma mesma língua. Diante da pergunta, a nacionalidade nos nativos pode aflorar, e com base no conhecimento de como surgiu e evoluiu nosso idioma, podemos proclamar que possuímos uma "língua brasileira", pois é o falante que funda e sustenta a língua. É necessário que aconteça uma explanação para os estudantes, de forma a distinguir o que se aproxima e o que distancia (variação) o português brasileiro com relação ao de Portugal, levando-os a compreender o Brasil como um país cheio de diferentes raças e culturas que dão origem a sua miscigenação na linguagem.

Na penúltima questão, a abordagem será feita com base em fatores externos. O meio muda o ser e, assim, o falante altera o linguajar. A interrogação traz os moradores de diferentes localidades (zona urbana e rural), pois esses certamente vão demonstrar expressões distintas em suas falas. Os fatores sociais e culturais não podem passar despercebidos, devem ser trabalhados de forma crítica, para que essa variedade não seja tratada com preconceito ou "erro" linguístico.

A diferença não é apenas no território residencial, mas em todo contexto social que possamos viver. A escola é um ambiente bastante acessível para constatar essa mistura de sociedade – classe social, em um mesmo lugar; por isso, é fundamental uma reflexão sobre a variação social. A maneira de um grupo de pessoas falarem seu linguajar próprio deve ser notada como uma variante da língua, sem estranhamento e sem preconceito, entendendo os fenômenos que contribuíram para aquela expressão da língua em uso.

No último quesito trazido pelo boxe, os autores buscam passar a maior informação possível sobre os diversos elementos que compõem as variações linguísticas. Entre os inúmeros fatores que fazem a mudança da língua, o indivíduo é o maior responsável pela mutação linguística. Por intermédio de um debate oral em sala, podemos identificar essa metamorfose que eles produzem na comunicação oral. Não é preciso muito esforço para identificamos várias diferenças na linguagem

de: homens e mulheres, jovens e adultos, analfabetos e graduados etc.; a distinção na fala é perceptível, pois cada grupo social adapta a língua para uma melhor interação com os seus semelhantes.

Enfim, todas essas modificações fazem parte do processo da variação da língua, e podem ser claramente discutidas em sala de aula por intermédio de uma conversa informal e a partir de um material adequado apresentado aos alunos. Podemos, portanto, nos certificar que, por meio dessas questões apresentadas no boxe, os alunos poderão refletir conscientes sobre as distintas variantes de sua língua, percebendo os diversos fenômenos que contribuem para que aconteça a variação e a mudança na língua

Por intermédio da nossa investigação no livro didático – em análise – podemos afirmar que o mesmo traz uma reflexão mais dinâmica e heterogênea em constante mudança da língua em sua diversidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso estudo, procuramos destacar que é através das discussões em sala de aula com a utilização de suportes adequados, que o ensino sobre as adaptações da língua brasileira se torna mais consistente. Dessa forma, consideramos de extrema necessidade a escola abordar as transformações da língua e os fatores, tais como os elementos externos, que contribuem para uma língua heterogênea. É fato que possuímos uma língua rica em flexibilidade, por isso se faz indispensável que o docente esteja sempre empenhado para promover com os seus alunos, discussões acerca das variações como algo peculiar em sua dinamicidade, compreendendo assim, as transformações da língua como algo natural, decorrente da sociedade e do falante.

Com base em nossa análise, realizada no livro didático, podemos afirmar que o ensino das variações, na perspectiva variacionista, vem conquistando espaço nos materiais escolares, e isso facilita a aprendizagem dos alunos e os métodos do docente. Como vimos, o livro selecionado para a presente pesquisa, traz por meio do boxe analisado, uma discussão pertinente que levará os alunos a pensarem de forma bastante reflexiva sobre a língua e todo o processo de variação que ela apresenta. A partir da abordagem trazida por esse manual, que pontua desde a

evolução do latim vulgar, até as modalidades subordinadas as situações dos falantes, podemos afirmar que ele tem, de fato, o intuito de propor uma perspectiva diferenciada e consciente acerca do fenômeno da variação linguística.

THE TEACHING OF LINGUISTIC VARIATIONS IN THE PORTUGUESE TEXTBOOK

ABSTRACT

Considering the importance of bringing to the classroom discussions that aim to treat variation as something natural and dynamic in the language and not as an error or deviation, the present article has as its main objective to investigate how the Portuguese textbook (LDP) has proposed the teaching of linguistic variations in the classroom. For that purpose, we will, throughout this article, point out how it is necessary to instigate the student to know about the transformations and origin of the native language, so that he will consciously understand that the diverse variants that are part of human language are a consequence of the heterogeneous character that the language presents. Another point that will be emphasized here is the fact that there is a prejudiced view in respect of variations among students, resulting from the mistaken conception of right and wrong preached both in society and in school. Such prejudice has been considered a reflection of a normative view of the traditional grammar. To base these discussions, we used the following authors: Bagno (1999, 2007; 2013), Cunha & Tavares (2016), Faraco (2008), BRAZIL (1998); Bortoni-Ricardo (2004); among others. In order to fulfill the general objective of our work, and because it is a qualitative-interpretive research, we will bring, at the end of the discussions, an analysis of a "boxe" inserted in the initial part of chapter 17 of the textbook (LDP) "Trilhas e Tramas", organized for the triennium 2018-2019-2010. This analysis had as purpose to investigate and discuss the perspective adopted by the book with regard to the study of linguistic variation.

Keywords: Linguistic variation. Linguistic prejudice. Textbook. Teaching.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 5.ed. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. (Orgs) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

_____. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

GARVIN, Paul, L.; MATHIOT, Madeleine. A urbanização da língua guarani: um problema em linguagem e cultura. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Org.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

GERALDI, J. Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. São Paulo: Ática, 1997.

GONÇALVES, Rodrigo T. Chomsky e o aspecto criativo da linguagem. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 5, n. 8, março de 2007. Disponível em: < <http://www.revel.inf.br/files/ce8601463eb68737b653e5ddde2d7421.pdf>. > Acesso em: 03 abr. 2018.

IBGE. População. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em 16/05/2018.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Estruturalismo. In: _____ (org.). **Manual de linguística.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley. (org.) **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2002. (Coleção Na sala de aula). p. 32-38.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma.** 2. ed. São Paulo, Edições Loyola: 2004.

SILVA, Ivone Ribeiro; et. al. **Português Trilhas e tramas.** Livro didático, PNL- 2018. 2 ed. São Paulo, 2016.